

O MINISTRO COMO TEÓLOGO

Darci Dusilek



Israel Belo de Azevedo
Prazer
da Palavra

Conteúdo do Site: www.prazerdapalavra.com.br

INTRODUÇÃO

O ministro é o líder de um grupo ou comunidade religiosa. Como tal, frequentemente, ele se vê interpelado pelos membros de sua comunidade a respeito de problemas relacionados com o ambiente sociocultural em que vivem.

O mundo pluralístico e conturbado de nossos dias confronta o cristão diariamente com uma série de problemas, especialmente na esfera dos valores morais, para os quais muitas vezes ele não se sente devidamente preparado para dar uma resposta. É justamente então, que recorre ao líder de sua comunidade mesmo porque ele tem obrigação moral em dar-lhe orientação, assegurando que o consenso geral do seu grupo foi observado.

É natural que dependerá do ministro o evitar a formação de um mecanismo psicológico de liderança paternalista que resultará no enfraquecimento da capacidade decisória de cada um. É por isso que destacamos no parágrafo anterior a palavra **orientação**. Ele deverá mostrar ao membro da sua comunidade as várias alternativas possíveis ao seu problema, dando ênfase especial à alternativa cristã. Pode ser que ele seja tentado a dar apenas o ponto de vista cristão sobre determinado problema, mas seria desejável que este fosse observado em contraste com outros sistemas de valores a fim de que não paire qualquer dúvida sobre natureza da decisão tomada.

É missão do ministro interpretar o que seja a vontade de Deus tanto para o indivíduo como para o grupo. Isto porque, de acordo com a própria natureza corporativa da igreja, qualquer decisão na esfera pessoal terá seus reflexos mais cedo ou mais tarde na esfera comunitária. Este aspecto do ministro como intérprete da vontade de Deus nos dá conta da tremenda responsabilidade de sua função. Grande parte das vezes a sua palavra será recebida como a resposta divina para um problema específico.

É necessário, destarte, que ele esteja bem preparado para exercer sua função de intérprete, evitando o quanto possível respostas fáceis e imediatas para os confrontos da vida que os membros de seu grupo enfrentam constantemente.

E como a interpretação é uma das tarefas a que a teologia se propõe, segue-se que o ministro acima de qualquer outra função há de ser um teólogo! É a sua teologia pessoal e a sua capacidade em **teologizar** que determinará, em grande parte, a dinâmica da sua atividade ministerial! Sem teologia o ministério esvazia-se de significado, transformando-se em mero ativismo burocrático, causa não poucas vezes de um sentimento de irrelevância para muitos ministros! ¹

¹ HOFMANN, Hans, ed. **Making the ministry relevant**. New York: Charles Scribner's.

Quando enfatizamos a importância da teologia para a atividade ministerial, não pretendemos uma hierarquização de funções ocupando a teologia um lugar de destaque, mas sim transmitir a idéia que ela deve permear e estar presente em todos os outros setores! Não pode haver compartimentalização para a teologia no âmbito do ministério. Ela deve ser vista e considerada em função e em relação com a totalidade dos aspectos múltiplos e variados que o ministro tem de enfrentar no cumprimento de sua missão como vocacionado por Deus.

Mesmo porque o aconselhamento pastoral sem teologia transforma-se em mera consulta psiquiátrica; o exercício da função profética sem o respaldo teológico corre o perigo de um desvio para a política, totalmente inconsequente para a fé cristã; o evangelismo sem base teológica adequada torna-se simples proselitismo; uma administração eclesial que prescindia do concurso de teologia pode tornar a igreja mera organização entre as muitas existentes neste mundo; e, assim por diante!

Se em nosso estudo destacamos a função teológica do ministro, fazemo-lo com finalidade puramente didática. Na realidade a teologia deve ser considerada sempre em relação à totalidade do ministério!

Em nosso estudo desse aspecto da atividade ministerial, cuja importância vimos de salientar, vamos procurar estabelecer alguns princípios que poderão ajudar ao ministro na sua função de intérprete. Seria óbvio destacarmos a impossibilidade de uma consideração metodológica detalhada devido à própria natureza deste texto, mas procuramos assegurar que os pontos essenciais fossem abordados. O nosso objetivo foi ficar em um nível o mais prático possível.

1. A NECESSIDADE DE UMA TEOLOGIA

A teologia tem as suas raízes na vida e experiência do ser humano. Ela surge da necessidade que o homem tem de explicar racional e logicamente os fatos da sua experiência em relação ao universo físico à uma realidade superior, transcendental. Ela decorre da necessidade que o ser humano tem de objetivar a sua experiência tanto individual como coletiva.

A teologia procura, então, explicar de um modo coerente a experiência religiosa do homem tomando como ponto de partida a **revelação**.² Esta, por ter sido verificada em meio a circunstâncias históricas definidas, faz parte da história que necessita ser interpretada. A expressão popular “deixe os fatos falarem por si mesmos” na teologia, como em outras ciências, não é possível, pois os fatos precisam ser interpretados.

Strong, que para muitos continua sendo insuperável, fundamenta a necessidade de uma teologia nos seguintes pontos:

1. no instinto organizador da mente humana;
2. na relação da verdade sistemática com o desenvolvimento do caráter, onde ele salienta que a verdade tratada nas suas minúcias, o mais completo possível é essencial para o desenvolvimento do caráter cristão;
3. na importância para o pregador de pontos de vista definidos e corretos de doutrina;
4. na íntima conexão entre uma doutrina correta, a segurança e o poder agressivo da igreja, em que ela procura demonstrar que uma compreensão errônea da verdade levará a erros de organização, operação e vida;
5. nas injunções diretas e indiretas das Escrituras, pois elas nos desafiam a um estudo constante e sistemático da verdade (conforme se observa em João 5.39; Tito 1.9 e referências paralelas.³)

É natural que Strong tenha procurado explicar a necessidade de uma teologia em função da igreja mesmo porque aqui ele está se referindo a uma teologia cristã. Esta encontra sua expressão melhor em meio à comunidade dos crentes, a igreja.

Convém lembrar aqui que as epístolas neotestamentárias bem como os Evangelhos foram escritos para fazer face a uma necessidade comunitária da igreja primitiva. Com um choque do

² Sons, 1960. XVII, 169p. Veja especialmente o estudo de Reuel Howe: **Theological Education After Ordination**, onde ele comenta que em estudo baseado em declarações feitas por ministros de alguns anos de experiência o problema maior era o de relevância.

³ STRONG, A. H. **Systematic theology**, p. 15-19.

ponto de vista cristão com a cultura helênica e judaica, houve a necessidade de uma apresentação interpretativa do conteúdo e do significado da fé cristã. Foi graças a essa necessidade que temos hoje o Novo Testamento.

Concluimos, então, que a teologia, ao procurar satisfazer a necessidade do homem em explicar racionalmente os fatos da sua experiência religiosa como indivíduo, atinge ao mesmo tempo uma dimensão maior: a comunitária. A igreja somente tem a ganhar quando a teologia procura cuidadosamente desincumbir-se de sua tarefa interpretativa, pois como diz Aulén:

*“O problema específico com que a teologia se defronta é o do conteúdo e do significado da Fé Cristã. A tarefa da teologia é compreender a fé cristã e, com a maior clareza possível, apresentar o conteúdo, os temas centrais e os pontos de vista da própria fé”.*⁴

A teologia, por assim dizer, fornece os meios a fim de que a igreja cumpra a sua missão no mundo tanto no seu aspecto de proclamação como no didático. Em ambos esses aspectos deverá haver uma preocupação com o conteúdo e significado, com o que se afirma e a relevância do se afirma. No dizer de Tillich, são essas as duas necessidades básicas que a teologia deve suprir em função da igreja cristã:

*“A afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação dessa verdade para cada nova geração. A teologia tem o seu movimento entre esses dois pólos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal na qual a verdade eterna deve ser recebida”.*⁵

Percebe-se claramente, pois, que o papel da teologia é dinâmico. A sua preocupação está não apenas no passado, mas também no presente! O homem não pode ficar sem uma explicação a respeito do significado da fé cristã para o mundo em que vive. A igreja deixará de existir quando a sua proclamação se tornar irrelevante para o mundo em que vive.

É preciso que se note o perigo de uma ênfase em apenas um dos pólos acima mencionados. O resultado é o desastre! Se, em nossas preocupações teológicas, procuramos apenas afirmar a verdade cristã nos moldes de comunicação do passado, tornamo-la esclerótica e irrelevante para a nossa geração. Por outro lado, se a nossa atenção estiver depositada unicamente na situação contemporânea, corremos o risco de perdermos o distintivo cristão de nossa mensagem. É o

⁴ AULÉN, Gustaf. **A fé cristã**, p. 21.

⁵ TILLICH, Paul. **Systematic theology**, I, p. 3.

dilema da hermenêutica. É o dilema que cada ministro enfrenta ao preparar os seus sermões! É onde um método teológico adequado prova a sua eficácia!

Aqui abro um parêntese: o fato de a igreja precisar falar ao mundo de hoje é uma advertência quanto ao perigo de uma teologia onde a ênfase maior está na recitação. A teologia não pode ser mera recitação dos atos de Deus na História da Salvação, ⁶ mas deve ir além procurando o significado daqueles eventos para o aqui e o agora que estamos vivendo. A recitação tem o seu lugar na memória da igreja; a interpretação é indispensável para que a igreja descubra a sua presença no mundo.

A situação religiosa que estamos vivendo chama-nos à responsabilidade de uma comunicação adequada do Evangelho para a era presente. No dizer de Robert McAfee Brow, são duas as coisas que nos devem preocupar:

*“1) muitas pessoas **dentro** da igreja estão se sentindo insatisfeitas com as formulações do passado e dirigem-se em direção a novos rumos radicais; 2) a maioria das pessoas **fora** da igreja demonstra não hostilidade, mas indiferença completa para com a religião”.* ⁷

As causas de tal atitude são complexas, mas cremos que a igreja tem a sua parcela de responsabilidade por descuidar do aspecto da relevância de sua mensagem, por relegar ao segundo plano a tarefa de reflexão teológica.

⁶ Veja especialmente o livro de G. Ernest Wright. **O Deus que age**. São Paulo, ASTE, 1967. A comparação com a memória e a presença da igreja foi tomada com base em palestra do Dr. João Carlos Keidann. **Uma igreja para os dias atuais**, num congresso.

⁷ BROWN, R. M. **Theology and the gospel: reflections on theological method**. In: LONG, E. Leroy Jr. & Handy, R. T. **Theology and church in times of change**. Philadelphia, Westminster Press, 1970.

2. A POSSIBILIDADE DE UMA TEOLOGIA

Ainda no estabelecimento das preliminares do nosso estudo, consideramos agora a possibilidade de uma teologia.

Para Strong, a teologia tem a sua possibilidade fundamentada numa base tríplice: na existência de um Deus que tem relações com o universo; na capacidade da mente humana em conhecer a Deus e certas dessas relações; na provisão, da parte de Deus de uma revelação.⁸

A existência de um Deus que se revela é um dos axiomas da religião cristã. Porém, mesmo para aqueles que não aceitam esse axioma, a teologia como explicação do conteúdo da fé cristã tem a sua possibilidade garantida. Ninguém pode negar à igreja o direito de explicar o conteúdo da sua fé.

Para Tillich, também, a “Teologia é a explanação metódica do conteúdo da fé cristã”.⁹ E, como o conteúdo essencial da fé cristã encontra-se revelado na Bíblia segue-se que “a fonte e a norma de toda teologia cristã é a Bíblia”.¹⁰

*“A Bíblia é o documento original sobre os eventos nos quais o cristianismo se fundamenta... A Bíblia é a fonte básica da teologia sistemática por que é o documento original sobre o qual a igreja cristã está fundada”.*¹¹

A teologia tem o seu início na revelação que Deus fez de si mesmo na história; partindo do fato dessa revelação o homem pelo uso livre o seu raciocínio procura interpretar ou descobrir o significado dela para a sua vida. Nesse sentido, concordamos com Aulén quando declara: “A teologia não determina a fé, antes analisa a fé cristã enquanto efetivamente existe”.¹²

Aqui entramos no segundo aspecto da possibilidade de uma teologia: a capacidade que o ser humano tem de raciocinar sobre os fatos da sua experiência ou de sua fé.

Mas quando o homem procura analisar o conteúdo da sua fé, esta não deixa de ser fé? Até que ponto a fé e razão andam juntos sem que isto signifique perigo de existência para uma das

⁸ STRONG, A. H., *op.cit.*, p. 2-15.

⁹ TILLICH, Paul. *Op. Cit.*, p. 28.

¹⁰ BRUNNER, Emil. **Truth as encounter**, p. 86.

¹¹ TILLICH, Paul. *Op. Cit.*, p. 34-5.

¹² AULÉN, G. *Op. Cit.*, p. 20.

partes? A verdade é que fé e razão andam inter-relacionadas na teologia. Sem a fé, a teologia não teria o **que** explicar. Sem a razão, não haveria como explicar. Como diz Hordern,

*“Fé implica em ambos os aspectos: **fide**, ou uma relação cognitiva, e **fidúcia**, uma decisão de entrega e confiança pessoal. A fé, definida assim, naturalmente não pode prescindir do entendimento e, dessa forma, raciocina. A fé cristã não é algo que ultrapassa aquilo que a razão alcança; é uma perspectiva dentro da qual a razão opera. Todo raciocínio opera na base de uma relação cognitiva com a realidade a partir da qual é formada uma perspectiva, um esquema de referência, pelo qual o significado relativo os fatos é julgado. Na base dessa perspectiva o indivíduo faz o seu compromisso ou entrega confiante; ele quer conhecer”.*¹³

Segundo Ramsdell,

*“Não se trata de um problema de racionalidade, mas de perspectiva de racionalidade. Examinando a fundo, não é um problema de oposição entre a fé e a razão, mas antes entre os tipos de fé que definem as perspectivas divergentes da razão. O homem natural certamente não é menos um homem de razão que o natural, mas sua razão como a de qualquer homem, funciona dentro da perspectiva de sua é”.*¹⁴

O jesuíta Avery Dulles está no mesmo caminho, ao afirmar:

*“Entendimento e crença não são idênticos, mas é quando eu creio que melhor entendo, e é quando eu entendo que creio mais plenamente como devo. O cristão está convicto que as crenças de sua própria tradição são capazes de conduzir ao mais completo e elevado entendimento disponível ao homem”.*¹⁵

E porque **fide** e **fidúcia** existem em tensão na teologia, esta não pode prescindir do elemento experiência. Teologia sem experiência seria tão inconcebível como a medicina sem uma preocupação com a vida. Isto porque Deus não é o resultado de formulações do raciocínio, pelo menos não o é, o Deus como encontrado na Bíblia. O ponto de vista bíblico é o de um Deus que se revela aos homens tomando a iniciativa no encontro com o ser humano. O homem usa sua

¹³ HORDERN, W. **The case for a new reformation theology**, p. 51-52

¹⁴ HORDERN, W. **The case for a new reformation theology**, p. 51-52.

¹⁵ DULLES, A. , S. J. **Authority and reason in the assent of faith**. In: **Spirit, faith, and church**, Westminster, 1970, p. 32-50.

razão para interpretar o significado dessa revelação conforme manifestada na história e na esfera da sua experiência pessoal. A sua capacidade de raciocinar torna possível a teologia.

Tem surgido da parte de alguns teólogos contemporâneos uma tentativa de justificar a possibilidade de uma teologia tomando como ponto de partida o próprio homem, mostrando o seu dilema de pecado e a necessidade da graça para então chegar á questão de Deus.¹⁶

Creio que esta tentativa é válida do ponto de vista da comunicação, pois se bem que o homem moderno em grande parte não aceite **a priori** a questão de Deus, ele não pode fugir ao dilema que a sua própria existência lhe apresenta. Mas de qualquer forma a tentativa somente dará um resultado satisfatório se se fizer uma aproximação do assunto do ponto de vista da revelação. Sem esta, não seria possível a teologia, pois não haveria conteúdo a explicar.

¹⁶ Ver especialmente o artigo de John Macquarrie: **How is theology possible?** In: MARTY, Martin E, & PEERMAN, Dean G. Eds. **New theology n° 1**, p. 21-33.

3. A NATUREZA DA TEOLOGIA

A definição tradicional da teologia como sendo “o estudo de Deus”, se bem que possível quanto à etimologia da palavra, é totalmente inadequada para que se compreenda a natureza e extensão de sua tarefa. Já a conceituação da teologia como “aquilo que se imagina e afirma a respeito de Deus”¹⁷ é mais satisfatória, se bem que muito simplificada.

D. S. Adam nos dá uma conceituação mais ampla ao dizer:

“Teologia é a ciência que, pelo uso correto da razão, de acordo com o método científico próprio, correlaciona, sistematiza e organiza o assunto referente à experiência religiosa humana de modo tal a alcançar um corpo unificado e coerente de doutrina e destinado a satisfazer a exigência do intelecto pela verdade a fornecer orientação para a vida prática. Como ciência da religião lida não apenas com o conteúdo subjetivo da consciência religiosa ou as opiniões, emoções e ações dos homens na esfera religiosa, mas também com os fundamentos objetivos da religião e verdade ou realidade última que sublinha e explica a experiência religiosa da humanidade. Nesse sentido ela tem um fundamento real e racional na realidade e fatos objetivos”.¹⁸

Como a compreensão racional não acompanha a experiência empírica do homem automaticamente, segue-se que ele precisa exercer a sua capacidade de reflexão para que possa interpretar a sua experiência e compreendê-la em todos os seus significados e implicações para ele, ser humano.

Isto não é menos verdade na teologia. E, quando o homem procura aplicar a sua razão em algum objeto no sentido de compreendê-lo, surge a ciência, pois a preocupação da ciência em qualquer dos seus departamentos é aplicar a razão com os seus poderes de análise e generalização e suas leis de inferência, indução e dedução aos elementos da experiência naquele departamento, de tal modo a descobrir as leis e princípios que a governam, relacionando-os com os fatos dados e fenômenos, visando unificar o conteúdo total da experiência naquele setor em um todo coerente e sistemático ou corpo de verdade que possa ser descrito como conhecimento da realidade.

¹⁷ BROMILEY, Geoffrey W. **Baker's dictionary of theology**, p. 518.

¹⁸ ADAM, D. S. **Theology**. In: HASTINGS, James, ed. **Encyclopedia of religion and ethics**, V.12, p.293.

À medida que a teologia procura fazer isto em relação aos elementos e fatos da experiência religiosa no departamento da religião, ela é corretamente descrita como um ramo da ciência”.¹⁹

Como bem afirma o Dr. Reynaldo Purim,

“A interpretação da sua natureza e expressos religiosas não é somente uma necessidade do homem, mas é também a sua tarefa para cujo cumprimento depende do seu próprio esforço e de um método adequado. O homem é caracterizado por uma sede inata de saber ou de compreender racionalmente as causas e finalidades das suas experiências. A satisfação desta sede depende do próprio homem. É tarefa que ele precisa cumprir por sua própria vontade e iniciativa e na base dos princípios de racionalidade também inatos nele. Precisa fazê-lo para uma satisfação própria e também como exigência da sociedade.

A Teologia, como interpretação racional da religião, portanto, é obra do homem. O seu método precisa ser objetivo ou científico para satisfazer o raciocínio próprio e da coletividade em matéria de causas e efeitos imediatos. O método precisa ser também subjetivo ou filosófico, como expressão do homem como indivíduo. Ele precisa relacionar a sua experiência religiosa com as outras formas de experiência e de conhecimento que possua.

A teologia, embora seja inicialmente uma interpretação individual ou testemunho pessoal, precisa também ser objetiva e impessoal para ser aceitável para o raciocínio da coletividade. Para ter valor ético e universal, a teologia precisa estar relacionada ou coordenada também com a verdade conhecida nas outras esferas da experiência do homem. A teologia não pode estar separada nem pode estar em conflito com a ciência e a filosofia, que também procuram interpretar a experiência do homem.

Em última análise, teologia não é apenas a ciência da religião; é também a interpretação científica da vida religiosa do homem como um todo e em todas as suas relações, feita pelo homem como indivíduo para a satisfação sua e da coletividade”.²⁰

A teologia como ciência envolve tanto a dedicação ou compromisso de fé como a investigação científica. A experiência em si não é o suficiente, pois a racionalidade do homem exige que os fatos sejam interpretados.

“A teologia cristã compreende tanto a dedicação e compromisso como investigação científica, que se constitui numa expressão da tensão criativa característica da fé cristã. Para o

¹⁹ Idem, ibidem, p. 294.

²⁰ PURIM, Reynaldo. [Apostila de] Metodologia teológica, p. 1.

teólogo, cristão não pode haver compromisso sem investigação, nem investigação sem compromisso de fé. A teologia cristã é investigação científica porque seu método inclui: observação, análise, avaliação crítica e pesquisa de novas áreas, expressões e aplicação da verdade cristã. Sua avaliação crítica estende-se até mesmo ao conteúdo central da fé cristã.

Quando afirmamos que o compromisso é essencial à teologia cristã, reconhecemos que todas as investigações em qualquer campo tem alguma forma de compromisso de fé. O compromisso específico do teólogo cristão, entretanto, é uma atitude existencial à medida que ele faz uma resposta pessoal à revelação de Deus em Cristo”.²¹

É uma atitude em que a verdade se lhe revela no encontro com a revelação na esfera de sua experiência. A teologia propriamente dita nasce quando o homem reflete sobre a natureza e significado desse encontro.

O teólogo cristão tem, então, o conteúdo básico e primeiro da sua pesquisa na revelação de Deus aos homens. Essa **revelação** encontrou a sua plenitude na pessoa de Cristo mas estava já em operação na história desde os seus começos. Por inspiração divina os homens que a receberam dela deram testemunho às gerações posteriores. Esse testemunho possibilitou o surgimento através da história de um livro que é o depositário dos fatos essenciais da revelação: a Bíblia. Daí, porque uma teologia cristã há de ser uma teologia essencialmente bíblica. É esta a razão pela qual a teologia bíblica deve preceder o estudo da teologia sistemática. Precisamos de uma perspectiva histórica da revelação antes de penetrarmos no estudo de doutrinas específicas como parte de um sistema. Isto explica porque nas grandes divisões da teologia – teologia bíblica, sistemática, histórica e prática – ela quase sempre é mencionada em primeiro lugar.

²¹ Bulletin Of The Department Of Theology Of The World Alliance Of Reformed Churches, Geneva, 10(4): 16, Summer 1970.

4. TEOLOGIA E TEOLOGIA BÍBLICA

Depois de considerarmos a teologia como ciência no seu escopo mais geral, voltemos a nossa atenção para outro aspecto: o bíblico. Talvez seja esse o aspecto em que o ministro mais tenha que demonstrar a sua competência. O anseio do povo ao vê-lo subir ao púlpito é sentir a mensagem bíblica falando às suas necessidades. Pela própria natureza de sua função o ministro deverá estar em condições de prover uma interpretação sólida e fiel das Escrituras para a sua comunidade.

Já tivemos oportunidade de salientar que a Bíblia é a fonte básica da teologia cristã porque nela encontramos o registro histórico dos princípios e doutrinas que caracterizam a fé cristã. A teologia como explanação metódica do conteúdo dessa fé, conseqüentemente, deverá constantemente procurar o julgamento bíblico sobre as suas conclusões.

Podemos concordar com Bromiley, ao afirmar que “qualquer teologia que extrai o seu material da Bíblia e procura permanecer fiel ao que a Bíblia afirma é uma teologia bíblica”.²²

Mas ao mesmo tempo devemos tomar muito cuidado. Ser um teólogo bíblico não é apenas ser capaz de recitar trechos da Bíblia de memória. Alguém pode usar uma citação bíblica e, ainda assim, fazer uma aplicação fundamentalmente errada do seu conteúdo. Ninguém ousaria classificar Satanás na categoria de teólogo bíblico somente porque ele fez algumas citações das Escrituras quando da tentação de Jesus. Mas analisemos bem: muitas vezes nós fazemos o mesmo quando pretendemos em nossos sermões fazer a aplicação de versículos isolados de seu contexto imediato e mediato.

Esquecemos-nos que a revelação de Deus ocorreu na histórica, num **kayros** ou época particular de tempo e, sequer foi proclamada para, então, tentarmos uma aplicação às necessidades do aqui e agora que estamos vivendo.

O mesmo Bromiley que citamos linhas atrás nos dá uma visão geral da tarefa que a teologia bíblica precisa efetuar:

“A exposição na teologia bíblica atualmente está voltada para a sua verdadeira tarefa de redescobrir, até onde seja possível, o que Jesus e os apóstolos e, de fato, os escritores do Velho Testamento realmente disseram em lugar do que nós pensamos que eles disseram ou deveriam

²² BROMILEY, G. W. *Op. Cit.*, p. 95.

*ter dito. Para conseguirmos isso, entretanto, devemos considerar que precisamos interpretar as expressões detalhadas e livros da Bíblia em termos de seu próprio background e pressuposições, em lugar das extraídas de outras fontes. Para sermos realmente bíblicos em nossa teologia, precisamos tomar a Bíblia como ela é. Precisamos aceitá-la nos seus próprios termos. Precisamos ver, estudar e estabelecer conclusões sobre a sua própria base e do seu ponto de vista. Não devemos forçá-la a obedecer um esquema filosófico alheio às suas origens. Precisamos ser genuinamente históricos, adotando a sua própria perspectiva e moldando a nossa teologia de acordo com o padrão que ela impõe”.*²³

Alguém poderia objetar que é justamente isto que nós como Batistas pregamos e defendemos; é praticamente um artigo de fé dos batistas a sua fidelidade às Escrituras e especialmente ao Novo Testamento. Mas nem sempre é o que observamos na prática. Muitas vezes corremos o perigo de que a tradição batista venha a falar mais alto do que a própria Escritura. Devemos ser o suficientemente humildes afim de colocarmos a nossa interpretação constantemente debaixo do julgamento da Palavra de Deus.

Poderá acontecer que a estrutura eclesiástica nos condicione ao ponto de não encontrarmos um modo de obediência e serviço como resposta à vontade de Deus. George W. Webber, reitor do Seminário Teológico de Nova Iorque, assim se expressou a respeito:

“Os eventos concretos da história contemporânea sempre fornecem o lócus para o auto-entendimento da igreja. Isto equivale dizer que o nosso problema não é meramente elaborar algum novo modo de tornar a mensagem cristã relevante em um mundo urbano de rápidas transformações, como se estivéssemos pensando em sanar o presente problema com um unguento.

*O nosso dever é perguntar quais, à luz de Cristo, são os significados dos eventos contemporâneos e o que eles requerem em termos de obediência cristã, testemunho e serviço. Devemos ser teológica e eclesiasticamente o suficientemente livres para sermos verdadeiramente obedientes ao nosso Senhor; suficientemente obedientes para sermos teológica e eclesiasticamente criativos”.*²⁴

²³ BROMILEY, G. W. *Op. Cit.*, p. 95-6.

²⁴ WEBBER, G. W. **Theology, the churches, and the ministry.** In: LONG, E. L., Jr. and HANDY, R. T., eds., *op. cit.*, p. 95.

É a Palavra de Deus que nos deve impor o seu padrão à medida em que nos fala em meio às situações contemporâneas. Ela deve ser o elemento dinamizador de nossa atividade e serviço.

Uma coisa é ler a Bíblia, outra é aplicar a sua mensagem à situação contemporânea. É esse o problema e preocupação maior da hermenêutica: qual a relevância da mensagem? Qual o significado da mensagem proclamada nos tempos do Velho e Novo Testamento para os problemas diários do homem modernos?

É aqui que a maioria dos membros da igreja poderia apontar falhas no seu pastor. Ele sente-se à vontade para pregar sobre a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, por exemplo, porque considera a sua igreja como sendo aquela igreja. O ministro deveria preocupar-se seriamente em fazer uma pesquisa cuidadosa na sua comunidade para saber até que ponto as suas mensagens têm servido de auxílio para os problemas que os seus membros enfrentam. Temos traduzido a relevância da mensagem bíblica para a nossa situação cultural, ou a nossa tradução tem sido apenas em termos a linguagem e estilo?

A primeira coisa que devemos ter em mente quando tentarmos interpretar a mensagem bíblica de um modo relevante é a determinação do seu contexto e como ela falou àquela situação histórica do passado. Isto envolve um conhecimento do background cultural e social da época.

Depois, precisamos examinar a nossa própria situação e procurar uma correspondência com a situação enfocada pela mensagem bíblica. Examinando essa mensagem, estaremos em condições de traçar a nossa mensagem. Podemos estabelecer o que acabamos de dizer na seguinte fórmula hermenêutica: ²⁵

Mensagem Bíblica = Nossa Mensagem

Mundo Bíblico = Nosso Mundo

Esta equação ou proporção deve ser tomada no seu conjunto e devemos dar a cada um de seus elementos tanto isolada como em relação com os outros a maior atenção possível. Deve haver uma correspondência vertical entre cada lado da proporção, mas também é preciso que haja uma equivalência também no sentido horizontal. Tremenda é a responsabilidade do ministro como intérprete da Palavra de Deus para esta geração.

A tarefa de descobrir a relevância da mensagem bíblica para o mundo de sua época hoje em dia tem se tornado cada vez mais possível de realização.

²⁵ Veja o trabalho de William E. Hull: **The relevance of the new testament. Review and Expositor**, 62(2): 187-200, Summer 1965.

Ultimamente tem surgido uma grande quantidade de literatura cuja preocupação é levantar o fundo histórico em que a Bíblia foi formada. Esta empreitada é passível de realização graças às pesquisas arqueológicas empreendidas por muitos eruditos especialmente em terras e regiões relacionadas com a Bíblia.

Também o desenvolvimento de estudos linguísticos e semânticos no Hebraico e Grego tornou possível um estudo exegético aprofundado da mensagem bíblica. É dever do ministro exercer a sua mordomia no sentido de um aproveitamento de tantos recursos que Deus colocou à sua disposição.²⁶

O ministro precisa desenvolver hábitos de estudo sistemático no sentido de aproveitar tais recursos que outros desejaram ter no passado e não o tiveram. Esse hábito entre outras vantagens evitará o chamado “púlpito cansado”, causa da agonia de muitos ministérios. Ser um teólogo e, especialmente um teólogo bíblico não é fácil. Mas a posição que o ministro ocupa impõe sobre ele a obrigação moral de estar em condições de interpretar a vontade de Deus para a sua comunidade. O povo quer e precisa entender a relevância da mensagem Bíblica para os seus problemas.

Será bom encerrar esta parte a respeito da teologia bíblica citando uma expressão de George W. Webber: “A linguagem bíblica e as perspectivas bíblicas sobre a situação humana fornecem o esquema de referência sob o qual o cristão contemporâneo deve continuar a operar. O problema de relacionar conceitos bíblicos e imagens bíblicas a uma sociedade secular não é essencialmente diferente, em caráter, do problema missionário dos séculos passados quando o Evangelho cruzou as barreiras da geografia, raça e cultura. O Evangelho tem sido sempre escândalo e uma pedra de tropeço, e não o é mais em nossa época que nos tempos idos, mas devemos estar certos que os homens tropeçam sobre o Evangelho genuíno e não sobre a nossa incapacidade com ele”.²⁷ É a teologia bíblica que possibilitando uma compreensão da revelação dentro de uma perspectiva histórica torna possível um entendimento menos imperfeito do seu significado para nós.

²⁶ Vale a pena citar aqui o aparecimento em inglês do **Theological Dictionary of the New Testament**, obra editada originalmente em alemão por Gerhard Kittel, cuja preocupação é levantar a lexicografia interior dos termos principais do Novo Testamento. Cada termo do Novo Testamento considerado de conteúdo teológico substancial é objeto de um estudo exaustivo que procura investigar a sua origem, etimologia, desenvolvimento, utilização em várias conotações culminando com o Novo Testamento. É uma ferramenta indispensável para a exegese e teologia bíblica. Obra semelhante já foi iniciada com respeito ao Velho Testamento. Pessoas altamente capacitadas e dotadas de meios de pesquisa que dificilmente poderíamos contar fazem o levantamento básico e substancial para nós.

²⁷ WEBBER, G. W. *Op. Cit.*, p. 94-5.

5. TEOLOGIA E IGREJA

Quando lemos o Novo Testamento, especialmente as epístolas Paulinas, podemos sentir sem sombra de dúvida que a teologia cristã nasceu das necessidades práticas da igreja. As epístolas surgiram motivadas por problemas concretos irrompidos no campo missionário. As igrejas foram **habitat** natural e motivação para a teologia. Paulo, que muitos denominam de maior intérprete do cristianismo, era ao mesmo tempo um missionário preocupado com o alargamento das fronteiras cristãs. A teologia não deve estar separada das necessidades práticas da igreja.

Gerald Kennedy chama a nossa atenção para o perigo de um distanciamento entre a teologia e a igreja. Ele faz uma distinção entre o “teólogo profissional” e o “teólogo” simplesmente. O “teólogo profissional” é o erudito especializado em algum campo da investigação teológica, mas que não se encontra envolvido diretamente com a igreja e seus problemas. No “teólogo” simplesmente ele enquadra aqueles que se encontram diretamente relacionados com as atividades eclesiais. Ele encontra razão de ser para o teólogo profissional quando este procura através dos seus estudos fornecer meios para que o ministro ou teólogo não especializado melhor cumpra sua missão. Mas chama a atenção para o perigo de uma teologia meramente acadêmica.²⁸

Alguns teólogos têm-se queixado que a teologia encontra-se pelo menos 50 anos adiantada em relação às igrejas e que, por essa razão, nem sempre os teólogos conseguem comunicar as duas idéias. Isto decorre justamente de um afastamento entre a teologia e a comunidade dos crentes. Tem razão o padre Christian Duquoc ao afirmar que o “horizonte da teologia é o da igreja”.²⁹

A função do ministro é ajudar a comunidade a crescer até a maturidade cristã no discipulado e conduzi-la no seu ministério ao mudo. Eis porque a teologia não pode se afastar da visão das necessidades da igreja. É ainda Webber que nos adverte:

“A tarefa intelectual da teologia não está nunca removida da vida prática da comunidade de crentes. Os desenvolvimentos em uma são frequentemente afetados pelo fermento em outra. Nesta relação recíproca, a teologia tem consequências para a comunidade de fé, e as dificuldades na comunidade de fé têm consequências para a formação da crença.

²⁸ KENNEDY, Gerald. **The seven worlds of the minister**. New York: Harper & Ro, 1968. Veja especialmente o capítulo: **The theologian**.

²⁹ DUQUOC, C. O. P. **Futuro da teologia**, p. 94.

Um espírito salutar de direção dentro das igrejas frequentemente procede ou resulta de um senso de segurança proclamatória dentro da teologia; a indecisão e incerteza dentro das igrejas frequentemente acompanham o caráter vago da empreitada teológica. A preocupação teológica não pode ser separada das exigências práticas da responsabilidade eclesialística”.³⁰

Teologia deve estar a serviço da igreja, buscando uma verificação e autocrítica das suas afirmações. Teologia e igreja devem: andar juntos. Sempre que houver separação entre uma dessas partes o desastre do desvio da finalidade estará perto. Quando a teologia perde a igreja do seu horizonte, corre o perigo de um desvio para especulações puramente metafísicas em detrimento das necessidades do povo de Deus. Quando a igreja não se preocupa com a teologia a sua capacidade de reflexão crítica, pode descambar num institucionalismo legalístico.

Não é sem razão que Hordern afirma:

“A tarefa teológica é central à vida da igreja. O primeiro propósito da igreja é proclamar ao mundo a mensagem que ela recebeu. Esta proclamação ocorre na pregação, no ensino, batismo e ceia do Senhor, e em atos de misericórdia e amor. A primeira tarefa da igreja não é sua auto-preservação ou glorificação: é a proclamação das boas novas que a contaminou e sobre a qual ele vive e é nutrida. Teologia é a disciplina através da qual a igreja continuamente re-examina sua proclamação. Uma igreja que perdeu a sua preocupação com a teologia seria uma igreja que não mais se preocupa com o que diz, com o que faz, e porque o faz”.³¹

O afastamento das cogitações teológicas das necessidades práticas ou pastorais da igreja tem sido mito combatido especialmente no âmbito da Igreja Católica Romana. Hoje em dia, os padres manifestam uma tendência diametralmente oposta à verificada no período da escolástica. Essa atitude deve ser vista como exemplo que fomos tentados a divorciar nossa teologia das necessidades da comunidade cristã ou então, quando cairmos no absurdo de uma igreja sem teologia.

É a teologia quem melhor pode auxiliar a igreja a cumprir o seu ministério de “equipamento dos santos” na linguagem de Paulo aos Efésios (4.12) ou ajudá-los a atingirem a maturidade cristã. Felizmente muitos teólogos estão abandonando as suas torres de marfim e olham agora para as necessidades do povo de Deus em um mundo pluralístico e conturbado por mudanças constantes.

³⁰ WEBBER, G. W. *Op. Cit.*, p. 93-114.

³¹ HORDERN, William. *Op. Cit.*, p. 160.

Um dos serviços que a teologia pode prestar a igreja é o da purificação da fé ou preservação das heresias tanto doutrinárias quanto práticas ou de organização. A expressão da fé corre sempre um perigo de esclerose ou desvio. A teologia está em condições de fornecer à igreja as linhas em que poderá atuar neste mundo sem, contudo, perder as suas características cristãs.

A igreja pode engajar-se no serviço ao mundo e mesmo entrar em controvérsia com ele sem que isto ofusque a visão de seu objetivo. Aliás, o principal fator que atualmente impede que a igreja entre em um diálogo com o mundo é justamente a insegurança teológica.

Brunner encontra lugar para a teologia no âmbito da igreja não apenas na exegese ou **didacô**, mas também na polêmica:

*“A tarefa da teologia é propiciar clareza aquilo que a igreja tem para proclamar, àquilo que o cristão crê e quais as consequências práticas dessa proclamação e dessa fé para a igreja como um todo e seus membros individuais. Essa clareza ela procura obter por meio da reflexão sobre a revelação de Deus como nos é dada na Bíblia. A tarefa teológica completa tem três diferentes raízes na vida da igreja: a exegética, a didática e a polêmica. A teologia, conseqüentemente, é não apenas uma interpretação sistemática da Bíblia, não apenas instrução ampliada e aprofundada, mas fundamentalmente também, reflexão crítica e controvérsia”.*³²

É através dessa reflexão que a igreja toma consciência de si mesma e da responsabilidade em encontrar os meios adequados para realizar a sua tarefa de proclamação do Evangelho a um mundo que deixando de lhe ser hostil tornou-se **indiferente!**

Essa reflexão crítica que a teologia possibilita à igreja pode e deve ser dirigida também para si mesma a fim de verificar se ela realmente está servindo como Corpo de Cristo neste mundo. Mesmo porque como qualquer grupo social, a igreja não está livre do perigo da cristalização da estrutura.

O perigo torna-se maior quando consideramos que devido à sua natureza religiosa a igreja corre o risco da “divinização” da estrutura onde esta passa a ter autoridade última e normativa. Conseqüentemente, a estrutura passa a ter uma finalidade em si mesma em lugar de ser considerada como um meio de se atingir uma finalidade maior. Em lugar de prover a dinâmica da atividade do povo de Deus no mundo, torna-se no seu entrave.

O objetivismo eclesiástico, também chamado por alguns de **eclesiocentrismo**, é um perigo para o qual a teologia constantemente nos chama a atenção: a institucionalização. Esse

³² BRUNNER, Emil. *Op. Cit.*, p. 66-7.

objetivismo eclesiástico tende para uma atitude legalista semelhante àquela tão natural e característica dos fariseus mas também tão combatida por Jesus. A idolatria da estrutura é o que poderíamos chamar, usando uma expressão de Tillich, de “uma manifestação demoníaca dentro da própria religião”.

Devemos ter em mente, como diz Hordern, que

*“Na Bíblia, o maior competidor com Deus não é o ateísmo, o secularismo, etc. É a própria religião. A religião pode ser o ponto em que o homem encontra verdadeira humildade na presença de Deus, mas pode ser o ponto também em que o homem congratula-se consigo mesmo por ter Deus ao seu lado”.*³³

O fato de a igreja ceder à tentação de voltar aos seus olhares para dentro numa atitude de autossuficiência e egocentrismo, tem sido o maior entrave do progresso cristão. A igreja tornou-se por demais institucional perdendo o seu dinamismo conforme observável nos tempos primitivos.

Muitas organizações ou o seu aglomerado estão roubando o tempo que anteriormente era usado pelos membros da igreja com as suas famílias. Não é sem razão que muitos filhos se afastam da comunidade numa reação psicológica compreensível. Para muitas crianças e adolescentes, a igreja é um rival na dedicação dos pais. Já é tempo de nos preocuparmos com isso e procurarmos uma revitalização da igreja. Uma igreja onde o Espírito Santo possa atuar sem obstáculos, onde o interesse maior esteja voltado para fora, para os outros, numa atitude de obediência ao exemplo de Cristo que “veio não para ser servido, mas para servir, e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mateus 20.28).

Somente assim, quando os crentes sentirem a relevância da igreja para o mundo, é que o mundo sentirá a relevância da mensagem cristã para as suas necessidades. Brunner, falando a respeito da natureza da igreja, assim se expressa:

“Quando o homem da rua ouve falar em igreja ele pensa a respeito de uma instituição semelhante ao estado que supervisiona o indivíduo através de suas leis e da qual os homens se utilizam para propósitos específicos. Mas o Novo Testamento não conhece nada a respeito da igreja como uma instituição. No Novo Testamento “igreja” significa apenas uma coisa: a igreja de Deus, a comunidade dos santos, os eleitos, o ajuntamento dos crentes reunidos juntos. Nem

³³ HORDERN, William. *Op. Cit.*, p. 139.

*mesmo a mais leve abstração tem qualquer parte naquilo que os apóstolos chamaram igreja. Igreja é um conceito compreendido puramente e sem exceção como pessoal. Ela nunca é nada mais nada menos senão pessoas que através de Cristo, através da comunhão com o Senhor vivo, estão elas mesmas reunidas em uma comunhão viva”.*³⁴

É a teologia que, através de um de seus departamentos, a eclesiologia, pode ajudar a igreja no sentido de recuperar o seu dinamismo no exercício da sua **diaconia**. Ela poderá, sob orientação do Espírito Santo, prover a igreja com uma estrutura adequada para o exercício de sua missão enquanto no mundo.

Mas a teologia pode ajudar também a formulação do programa didático da igreja. É a relação entre a teologia e o programa de educação cristã (prefiro o termo cristã a religiosa). O perigo no qual podemos incorrer em nosso programa de educação cristã é considerá-lo assunto relacionado puramente com psicologia e educacional em lugar de reconhecê-la como disciplina essencialmente teológica.

Vale a pena mencionar aqui a necessidade de um estudo sério e aprofundado do livro de James D. Smart: “El Ministerio Docente de La Iglesia”. A teologia colocada a serviço da igreja no campo didático poderá ajudar a cada membro da comunidade a crescer cada vez mais “no conhecimento e na graça de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Pedro 3.18).

Notem bem, a graça não dispensa o conhecimento, pois está intimamente ligada a ele. Aliás, o próprio conhecimento em si já se constitui em graça para o crente. Mas este conhecimento somente virá quando o crente sentir-se despertado para o estudo e tiver meios para efetuar-lo. Tal despertamento poderá ocorrer através do sermão do pastor – que sempre deverá ter um conteúdo didático – ou através do programa de educação cristã da igreja. De qualquer forma, o ministro ocupa uma posição chave para que ele ocorra e seja devidamente encaminhado. O programa de educação cristã da igreja poderá funcionar a contento sem o apoio decidido e total do ministro.

A função da teologia no tocante ao programa educacional da igreja será primordialmente a de prover o conteúdo do currículo. Ao dar cabo dessa função a teologia deverá preocupar-se com duas coisas: fidelidade aos princípios cristãos conforme encontrado na Bíblia e comunicação relevante para os nossos dias. O programa educacional da igreja deve estar voltado para os problemas que o homem moderno enfrenta numa tentativa e encontrar uma solução dentro da perspectiva bíblica. Isto significa que a teologia também no campo educacional está reservada uma função crítica: de conteúdo e de comunicação.

³⁴ BRUNNER, Emil. *Op. Cit.*, p. 168.

Ao prover o conteúdo do currículo, a teologia deve ter em mente “o equipamento dos crentes” de tal forma que eles sejam considerados obreiros aprovados e que saibam dar “a razão de sua fé”. Essa conscientização é fundamental para o próprio fortalecimento da comunidade. Mas para que esse currículo cumpra os seus objetivos é preciso que o corpo docente da própria igreja esteja em condições satisfatórias. Talvez seja esta a maior fraqueza do nosso sistema educacional batista e aqui cresce a responsabilidade do ministro, pois dele se espera que esteja em condições de orientar e mesmo formar o corpo docente de sua igreja.

A realidade é que bem poucos ministros se têm dado ao trabalho árduo de transmitir um conteúdo doutrinário mais sólido para os mestres de seu rebanho. Mas eles também precisam ser estimulados a estudar e precisam ser ajudados

“Pois o que ensina a Palavra precisa de uma base bíblica, sistemática e histórica da mesma forma como o pregador da Palavra. O mestre e o pregador têm um ministério comum. Servem a mesma revelação de Deus que lhes chega da Escritura através do testemunho total da igreja. Ambos correm o perigo de que seu ministério seja destruído ao substituir a revelação de Deus por outra revelação qualquer e, portanto, ambos devem manter-se alertas e em atitude de teólogos críticos.

*Um erro ou confusão teológica no ensino da igreja é tão destrutivo como um erro na pregação. Deve-se reconhecer, além disso, que na maioria das congregações o pregador não tem um ajudante educacional, mas espera-se que ele mesmo dirija a educação”.*³⁵

Creio que essa seja a situação que todos os ministros aqui no Brasil enfrentam. Mas até que ponto tem os ministros levado a sério a tarefa de preparação – dos docentes com os quais a sua igreja pode contar? Essa preparação não deve se limitar à ministração da lição de domingo pelo pastor aos professores. Ele deverá cuidar para que os seus docentes participam de estudos doutrinários profundos e sérios que ele próprio ministre o estudo quer alguém especialmente convidado para tanto. Também deverá orientar os professores nas suas leituras afim – de que eles tenham melhores subsídios teológicos. Isto pressupõe atualização bibliográfica da parte do ministro. Felizmente, hoje é possível adquirir bons livros teológicos em português e espanhol com relativa facilidade, e essa oportunidade não deve ser colocado de lado.

³⁵ SMART, James D. **El ministério docente de la iglesia**, p. 48-9.

6. TEOLOGIA E PREGAÇÃO

A igreja vive para proclamar o evangelho da salvação em Cristo. É dever seu entregar o seu kerygma sob o impulso do Espírito Santo e motivada pelo amor às almas perdidas. É por essa razão que o sermão ou exposição de algum tema com base nas Escrituras tem ocupado lugar central na adoração e liturgia da igreja. A própria colocação do púlpito no centro dos nossos templos testemunha a respeito do lugar de destaque reservado ao sermão.

Tão enraizado está o sermão na vida da igreja que não podemos imaginá-lo sem essa proclamação. É certo que ela – tem ao seu dispor outros meios de testemunho mas o sermão parece ter o seu lugar garantido por muito tempo ainda. É através dele que o ministro fala a igreja como tal. Por isso a sua pregação deverá receber toda a atenção e estudo possível. Gostaria de chamar a vossa atenção para os seguintes pontos que devemos ter bem claros na execução de nossa tarefa como pregadores dos ministros da Palavra.

6. 1. A nossa preocupação na pregação deve ser teológica. — Isto significa que ela deve possuir um conteúdo teológico. O pregador deve resistir à tendência de se perder pelos meandros da psicologia, sociologia, filosofia esquecendo-se da teologia. É preciso que ele se conscientize que a sua capacitação maior não deve ser naqueles setores do conhecimento humano, mas sim na teologia. Quando ele está pregando deve transmitir um conteúdo teológico ao povo de Deus, mesmo que tenha título e capacitação em outro ramo do conhecimento.

Não há mal em que o ministro se preocupe em estudar as implicações mais profundas da fé cristã relacionando-a com outras áreas de pesquisas; isto até é desejável e necessário do ponto de vista teológico, mas há uma grande diferença nesse procedimento e no encher o período de um sermão falando de tudo menos de sobre teologia. Saliento uma vez mais que por teologia não quero significar uma especulação metafísica obscura e envolta em mistério, mas sim exposição de algum dos muitos aspectos da fé cristã e suas implicações para a vida diária de cada membro do rebanho. O povo de Deus, os leigos, precisa de um conteúdo teológico sólido que lhe dê condições de resistir aos embates do materialismo filosófico e prático de nossos dias, e o sermão é uma das grandes ocasiões em que poderão recebê-lo.

A própria natureza da pregação, como comunicação das boas novas de salvação em Cristo, exige que o seu conteúdo seja teológico. Quando a teologia procura responder às necessidades práticas do rebanho perde a razão de ser a observação feita por um estudante universitário nos Estados Unidos: “Com o Evangelho eu não tenho problemas, o que me confunde é a teologia”.

6.2. A segunda coisa que não podemos olvidar é que **pregação é comunicação**.

Aqui surge uma advertência contra o perigo de usarmos um “jargão” teológico especializado, mas que não é do domínio daqueles que nos ouvem. Em termos de comunicação, a nossa mensagem encontra-se codificada de tal maneira que os nossos ouvintes – especialmente os não crentes – não têm condições de descodificá-la.

Às vezes, dedemos mui facilmente à tentação de usarmos a linguagem comum de nossa comunidade de fé e deixarmos de comunicar àqueles que não pertencem a essa comunidade. Usamos com tanta frequência termos como “regeneração”, “pecado”, “conversão”, “remissão”, “justificação” e outros, que nos esquecemos de explicar o seu significado. Falamos como se todo mundo entendesse já os conceitos e realidades que tais palavras expressam.

A teologia pode ajudar ao pregador no sentido de tornar bem clara a expressão de tais conceitos usando palavras do domínio de todos. Na realidade, a comunicação do evangelho somente é possível graças à do Espírito Santo, mas isto não significa que devemos cruzar os braços. Podemos ser usados de um modo menos imperfeito se nos colocarmos sob a orientação do Espírito de Deus nos estudos preparatórios dos nossos sermões. É quando o ministro busca o sentido exato até onde seja possível, do texto bíblico, quando ele reflete e torna a refletir sobre o seu significado, que dele se apossa um sentimento de **convicção**, básico no processo de comunicação.

Quando pensamos a respeito da comunicação do Evangelho àqueles que ainda não o conhecem, devemos nos preocupar com uma apresentação genuína. Como bem expressa Tillich, não podemos pensar em descobrir um método de comunicar o Evangelho de modo que ao ouvi-lo os outros o aceitem.

*“Comunicar o Evangelho significa colocá-lo diante das pessoas de modo que elas sejam capazes de decidir **pró** ou **contra**. O Evangelho cristão é um assunto de decisão. É para ser aceito ou rejeitado. Tudo o que nos podemos fazer na comunicação do Evangelho é tornar possível uma decisão genuína”.*³⁶

A nossa preocupação, então, deve estar centralizada numa apresentação genuína e clara do Evangelho. Como disse Webber, citado linhas atrás, “devemos estar convictos de que se alguém tropeçar no Evangelho, seja no Evangelho genuíno e não em nossa incapacidade com ele”. A

³⁶ TILLICH, Paul. **Theology of culture**, p. 201.

teologia como explanação metódica do conteúdo da fé cristã, é indispensável na sua comunicação ao mundo.

É de todo conveniente a lembrança à esta altura que comunicar não é falar em termos rebuscados. Comunicar é transmitir informação de pessoa para pessoa e, quanto estiver em nós aumentar o índice de aproveitamento nessa transmissão deveremos fazê-lo. Quanto mais de palavras difíceis e inusitadas contiver um sermão, maior a taxa de **ruído** ou interferência na comunicação. Será muito útil ao pastor a leitura de bons livros de comunicação.

6.3. A pregação é uma comunicação sob tensão.

Citamos William Hordern novamente:

*“A igreja tem um evangelho a proclamar ao mundo. Nessa tarefa está implícita uma tensão contínua. Há um evangelho a proclamar e há um mundo ao qual ele deve ser proclamado. O evangelho em si é imutável, mas o mundo está em constantes mudanças. Como resultado, a igreja tem oscilado entre dois erros. O primeiro é o de esquecer que é chamada a falar ao mundo em que se encontra; assim, repete a teologia de seus pais e, dessa forma, torna-se irrelevante para o mundo em que ela própria se encontra. O outro é que, reagindo contra o primeiro erro, ela identifica-se de tal modo com este mundo ao ponto de esquecer que tem um evangelho a proclamar. Ambos os erros tornam a igreja incompetente”.*³⁷

O ministro, sob hipótese alguma, deverá olvidar o perigo de situar-se em um desses pólos. A tensão entre a memória normativa da igreja – a Bíblia – e a relevância da sua mensagem para os nossos dias deverá estar sempre em nossas mentes. É esta tensão que pode dinamizar a comunicação da nossa mensagem e a ela devemos estar sempre atentos.

6.4. Outro fator que jamais podemos perder de vista é que a teologia é a consciência do sermão. Eis a expressão de Heinrich Ott:

“Talvez deve ser dito que a teologia é a consciência do sermão e por sua vez que o sermão é a consciência da teologia. Uma vez que o pregador deve pregar de um modo correto segue-se que ele precisa refletir teologicamente. E, para ser capaz de ensinar teologia, muito embora não tenha de

³⁷ HORDERN, William. *Op. Cit.*, p. 160-1.

subir ao púlpito domingo após domingo, o teólogo precisa entender a intenção da proclamação e ter a tarefa do pregador imediatamente em vista.

O pregador que assim não quer proceder e entrega a tarefa da reflexão teológica ao especialista em teologia, é um pregador pobre, um pregador sem “consciência”. E, o teólogo que não quer proceder de modo análogo, entregando a preocupação da proclamação da igreja ao profissional nesse setor, é igualmente um mestre pobre da igreja, e também um teólogo sem ‘consciência’”.³⁸

Se uma teologia não pode ser pregada, então ela não muito boa. O sermão é o meio de expressão por excelência da teologia do ministro. Ele poderá ser o veículo que descortinará aos olhos do povo de Deus as profundezas do seu amor e do seu ser, mas também poderá ser uma fonte de dúvidas ou até mesmo um empecilho a que esse mesmo povo atinja a maturidade cristã. É dever do ministro dar um alimento sólido e racional ao seu rebanho, e, a teologia pode ajudá-lo a cumprir esse objetivo.

³⁸ KENNEDY, Gerald. *Op. Cit.*, p. 119.

CONCLUSÃO

Aquilo que se espera de um ministro é que ele seja um intérprete, intérprete da Palavra e da vontade de Deus para o seu povo. Como intérprete ele é um teólogo. Não há por onde escapar.

Apesar das muitas atividades em que ele se vê envolvido como líder natural de uma comunidade, a maior parte das vezes de composição heterogênea sem liderança preparada, o que lhe consome muito em tempo e energia, ainda assim, a sua função primordial é a de um teólogo. Desta forma, ele precisará esquematizar o seu tempo de tal forma que tenha condições de um estudo demorado, sistemático e refletido a respeito da fé cristã e suas implicações para o mundo de hoje. Muito embora o ministro não possa ser – em alguns casos tem acontecido o contrário – um especialista ou erudito em alguns ramos da pesquisa teológica ele deverá ter um conhecimento geral do conjunto teológico.

Como teólogo, o ministro deve enfrentar os grandes assuntos do cristianismo e não apenas os mais simples. A tendência à simplificação pode ser sintoma de preguiça intelectual. Por simplificação, não estou significando linguagem simples, mas assuntos corriqueiros e triviais. A experiência tem demonstrado que quando criamos classe especiais para o estudo das implicações mais profundas da mensagem cristã, elas são as mais procuradas. O povo tem interesse em aprender e, aprenderá efetivamente, à medida que nos interessarmos em conhecer os seus problemas para lhes prover uma orientação adequada e cristã.

Vivemos em uma época em que as críticas à igreja estão sendo feitas não tanto do lado de fora, mas especialmente **de dentro**. A teologia que se distanciou das necessidades da igreja parece estar lutando contra ela; isto poderá causar muita estranheza e dúvida na mente de um crente simples. Ele precisa receber orientação nesse sentido. A teologia radical, da qual o movimento “a morte de Deus” faz parte, está sendo popularizada também aqui no Brasil através de livros bem impressos e ao alcance de todos. O ministro precisa estar em condições de orientar o seu rebanho sobre o assunto; não basta apenas condenar, é preciso orientar. Aliás, os problemas e contradições na teologia são um libelo contra os ministros que não têm levado a sério o caráter teológico de sua missão. Kennedy tem uma expressão bem severa ao declarar: “É uma revelação de clareza meridiana que, se não somos teólogos, não estamos realizando o nosso trabalho”.³⁹

Mas para que o ministro possa orientar o seu rebanho, ele precisa conhecer o problema. Isto pressupõe que o ministro deve ser um homem de leitura. Leitura e atualização constante com os fatos

³⁹ KENNEDY, Gerald. *Op. Cit.*, p. 111.

da vida cotidiana, mas também leitura e estudo permanente da Palavra de Deus. É a Palavra de Deus o seu **munus**.

Conhecendo os problemas e indagações da sua comunidade, e do homem moderno de um modo geral, através da leitura de jornais e livros seculares e religiosos, ele estará em melhores condições de sentir a mensagem bíblica falando a esses problemas, observadas as devidas proporções históricas.

Não é sem razão que, para Karl Barth, o ministro deveria ter um jornal diário em uma das mãos e, na outra, a Palavra de Deus. A verdade é que nunca em nossos dias o conselho do apóstolo Paulo ao jovem ministro Timóteo se fez tão pertinente e necessário de execução “Persiste em ler...” (1Timóteo 4.13). Esta é uma das qualidades do intrépido apóstolo Paulo que tem sido destacada; ele era homem de estudo, de leitura. Os livros faziam parte de sua bagagem (2Timóteo 4.13). Não pode haver atualização sem um esforço correspondente. Se quisermos conhecer, precisamos estudar.

Contudo, do ministro como teólogo requer-se outra qualidade: o exercício da piedade pessoal e humildade. Por exercício da piedade pessoal, desejo significar a necessidade de uma comunhão vital e constante com o Senhor.

Por humildade, quero enfatizar a humildade intelectual que impulsiona sempre o indivíduo para a frente; que não o deixa nunca atingir um estado de presunção de possuir a verdade perfeita e última, de superioridade em relação aos demais. Essa humildade intelectual é quem descortinará ante os nossos olhos a profundidade, a altura, largura e extensão da nossa ignorância a respeito de Deus e, ao mesmo tempo, nos impulsionará em sua direção até que chegue aquele dia em que poderemos dizer como Paulo “então conhecerei como também sou conhecido” (1Coríntios 13.12b).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ADAM, D. S. **Theology**. Em: **HASTINGS, Jame**, ed. **Encyclopedia of religion and ethics**, v.12. Edinburgh, T. & T. Clark. New York: Charles Scribner's Sons, 1954.
2. AULÉN, Gustaf. **A fé cristã [The faith of the christian church]** Trad. **Dírson Glênio Vergara dos Santos**. São Paulo: ASTE, 1965. 382p.
3. BROWN, R. McAfee. **Theology and the gospel: reflections on theological method**. In: LONG, Edward LeRoy, Jr. & HANDY, Robert T., eds. **Theology and church in times of change: essays in honor of John Coleman Bennett**. Philadelphia, Pa.: Westminster Press, 1970. 304p.
4. BRUNNER, Emil. **Truth as encounter**. New edition enlarged. London: SCM Press, 1964. 210p. (The preacher's library).
5. DUQUOC, Christian, O. P. **Teologia e missão da igreja**. Em: **Futuro da teologia**. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 85-105. (Teologia Hoje, 4).
6. HARRISON, Everett F.; BROMILEY, Geoffrey W.; HENRY, Carls F. H. Eds. **Baker's dictionary of theology**. [3rd printing]. Grande Rapids, Mich.: Baker Book House, 1966. 566p.
7. HOFMANN, Hans, ed. **Making the ministry relevant**. New York: Charles Scribner's Sons, 1960. 169p.
8. HORDERN, William. **The case for a new reformation theology**. Philadelphia, Pa.: The Westminster Press, [1959]. 173p.
9. HULL, Willian E. **The relevance of the new testament**. Review and Expositor, 62(2): 17-200, Summer, 1965.
10. KENNEDY, Gerald. **The seven worlds of the minister**. New York, Evansto and London Harper & Row, 1968.173p.
11. MACQUARRIE, John **How is theology possible?** In: MARTY, Martin E. & PEERMAN, Dean G., eds. **New theology n° 1**. [3rd printing]. New York [and] London: The Macmillan Company, 1967. 256p.
12. PANNENBERG, Wolfhart; DULLES, Avery, S. J; BRAATEN, Carls E. **Spirit, faith and church**. Philadelphia, Pa.: The Westminter Press, 1970. 123p. (Walter and Mary Tuohy Chair Lectures, 1969).
13. PURIM, Reynaldo. **Metodologia teológica** [Rio de Janeiro: Centro Acadêmico Dr. Shepard do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, 1968]; 17p. mimeo.
14. SMART, James D. **El ministerio docente de la iglesia**. [The teaching ministry of the church]. Versión de Beatriz E. Melano de Couch. Buenos Aires: Methopress, 1963. 215p.
15. STRONG, A. H. **Systematic theology**. (3 vols. in one). Philadelphia, [etc.], The Judson Press, 1912. 1166p.
16. TILLICH, Paul. **Systematic theology, I**. Chicago, Il: The Universiy of Chicago Press, 1951. 300p.
17. TILLICH, Paul. **Theogy of culture**. Edited by Robert C. Kinball. London: Oxford University Press, 1968. 213p.